

## **Leitura de charge: uma proposta para o aprimoramento da competência leitora**

Edmilson de Moura ALENCAR<sup>1</sup>  
Profº. Ms. Luiz Egito de S. BARROS<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este Artigo traz à luz uma discussão sobre a importância da leitura de textos de diversos gêneros verbais ou não verbais, principalmente visuais. Enquanto gênero textual que reúne elementos verbais e não verbais, a charge faz com que o aluno interaja e a utilize como mais um modo de aprender a ler. Para tal deve ser levado em consideração seu caráter subjetivo, já que a charge estimula a capacidade de fazer inferência, isto é, descobrir o que está implícito, qual mensagem ela quer passar para que o leitor possa entender essa proposta de aprendizagem. Para tanto, coletamos textos de charge em sites da internet, e analisamos buscando detectar os sentidos construídos a partir dos elementos linguísticos e não linguísticos, como forma de mostrar que a leitura desse gênero pode ser uma forma de instigar a competência leitora de alunos. Como aporte teórico, utilizamos os textos de Durigan (2003), Martins (1993), entre outros. Nas questões de gêneros textuais, trouxemos para a discussão os estudiosos que se alinham a Mikhail Bakhtin, como Machado (2005) e Fiorin (2006). Como análise textual, utilizamos a charge como exemplo e seus representantes: Angeli (23/05/2011), Borega (22/05/2010), Lotti (15/09/2011). Pretendemos mostrar como a charge pode levar o leitor a se interessar pela leitura, despertando sua curiosidade e vontade de ter uma visão mais crítica e reforçando que o leitor precisa entender como se lê nas entrelinhas esse tipo de gênero textual. Após esta aprendizagem, é provável que o estudante seja capaz de reconhecer o que está implícito em qualquer outro tipo de texto.

**Palavras-chave:** Leitura. Charge. Implícitos

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela UFPI.

<sup>2</sup> Professor da UFPI, Ms. Luiz Egito de Sousa Barros.

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**A3681** Alencar, Edmilson de Moura.

Leitura de charge: uma proposta para o aprimoramento da  
competência leitora / Edmilson de Moura Alencar.– 2018.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (25 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras)

– Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019

Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

1. Leitura. 2. Charge. 3. Implicitos. I. Título.

**CDD 401.41**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( ) Monografia  
( **X** ) Artigo

Eu, **Edmilson de Moura Alencar**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação - **Leitura de charge: uma proposta para o aprimoramento da competência leitora**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 20 de Fevereiro de 2019.

Edmilson de Moura Alencar  
Assinatura

## **INTRODUÇÃO**

Vivemos em meio a uma sociedade com grande incidência de textos, sejam eles verbais ou não. Em todos os espaços, sobretudo urbanos, há um texto escrito de alguma forma,

modo, gênero, entre outros. Por mais longínquo que estejamos sempre há uma placa com algo escrito ou desenhado. Não há como fugir dessa interação textual. Em se tratando de espaços urbanos, ainda há a mídia tecnológica, principalmente a Internet. Ela pode ser uma ferramenta incrível para a educação em sala de aula.

Procuramos entender como a leitura pode contribuir nesse processo de formação do aluno, investigar esse potencial nos diversos gêneros do discurso e como utilizar no ambiente escolar, para que o discente possa facilitar a sua formação crítica. Para tal empreitada utilizamos a charge, porque ela tem a característica, que falamos anteriormente, de ter discursos implícitos, nas estrelinhas e contém inúmeros recursos que se relacionam à praticidade da leitura, com um discurso que nos ensina no nosso entendimento de leitura e interpretação, de uma maneira bastante alegre e prazerosa para interagir no ambiente escolar.

Esse trabalho tem como objetivo primeiro demonstrar a importância da leitura como hábito diário para a formação de leitores não só como entretenimento, mas também como leitores críticos que interajam com o escritor, tentando descobrir o que está nas estrelinhas, o que está implícito, o que não foi falado, mas está lá, para ser entendido.

Temos ainda como objetivo específico discutir os conceitos de gênero textual e a importância do uso da charge nas aulas de leitura, como um instrumento para desenvolver a competência leitora. É perceptível o quanto é problemático e com muitas deficiências a leitura dos discentes. Portanto partimos da seguinte pergunta: Pode a charge contribuir para melhorar a competência leitora e, conseqüentemente, estimular a busca de outros conhecimentos?

Como metodologia, escolhemos a pesquisa bibliográfica, uma vez que dispomos de vasto material de pesquisa nessa área, seja em jornais, revistas e em sites da internet, de onde recolhemos alguns exemplares para ilustração e análise. Como suporte teórico, percorremos os seguintes assuntos: o que é a leitura, gêneros do discurso, gêneros midiáticos: as charges no seu sentido e na sua análise. Estratégia de leitura. Para isso, trabalhamos com pesquisadores como Brait (2005), Bakhtin (2003), Martins (1992) e outros tão relevantes quantos. Klaiman (2000), Solé (1998)

O trabalho está formatado em quatro capítulos, no primeiro, trataremos do que seja a leitura e a sua máxima importância, com reflexões dos teóricos já citados. O segundo sobre a charge. O terceiro capítulo é sobre a análise de algumas do gênero mencionado para verificarmos como ele deve ser pensado e visto. No quarto capítulo, fazemos uma discussão

sobre como trabalhar esse gênero textual em sala de aula. Por fim, foram feitas as considerações finais tentando responder à pergunta direcionadora do trabalho e ao objetivo proposto. Como esse tema não é final, sabemos que após o estudo, será aberto um leque de indagações, que poderão ser usadas em uma pesquisa futura.

“Estudar o texto com vistas à sua compreensão global deve ser o objetivo específico do ensino de leitura” (MACHADO; REIS, 2000, p.110). Com base nessa citação nos amparamos e demonstramos que os estudos intrínsecos da malha textual, bem como dos seus diferentes gêneros, não só beneficiam uma evolução no hábito e na compreensão leitora de discentes, mas também na formação de docentes enquanto estudiosos do texto, dentro do ambiente acadêmico de formação.

## **1. A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA**

Ao falarmos de leitura não nos referimos apenas à leitura de livros, revistas, jornais ou qualquer outro texto escrito, mas a qualquer mensagem verbal ou não verbal, passível de interpretação. “A competência de leitura ou competência textual (receptiva) é um fenômeno bastante complexo no qual podem ser subdistinguidas várias competências ou componentes [...]”(REIS, 2000, p.106). Temos plena certeza de que a leitura ajuda muito o leitor na escrita, pois quem lê muito desenvolve a capacidade de entender a mensagem que o texto quer transmitir. Mesmo quando lemos só por prazer a leitura faz diferença na aprendizagem, uma vez que aciona vários mecanismos cognitivo e de compreensão do mundo, tais como o raciocínio e a memória; mas se lemos com total concentração, buscando instrução ou informação, ficando mais atento aos detalhes, tudo começa a fazer mais sentido, e é aí que o aluno se torna, verdadeiramente, um leitor.

Quando crianças aprendemos a ler conforme nosso meio familiar e vivência, mesmo sem saber do alfabeto, nossos pais nos ensinaram a ler visualmente, por exemplo. Quem traz essa bagagem, consegue ter o gosto e o desejo pela leitura, mas há aqueles que não foram instigados a aprender a ler dessa forma, tornando-se avesso à leitura, o que dificulta o desenvolvimento do prazer de ler e das habilidades de compreensão leitora. Os alunos

precisam ter a convicção de que podemos ler, mesmo sem a palavra escrita, como afirma Martins (1992),

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido. (p. 30).

Dessa forma entendemos que, no ato da leitura, se gostarmos ou ficarmos surpresos com ela, nossa mente não se esquecerá. Isso mostra como nossa mente é capaz de reter e guardar informações sobre o que lemos ou estudamos, mas caso contrário, se não nos interessa a leitura ou não nos causa impacto, logo damos um jeito de esquecer. Isso é uma defesa, o que não nos agrada esquecemos. Mesmo diante dessa discussão, há um lado obscuro, que é a questão do analfabetismo que ainda impera em nosso país.

Em 2014, o jornal El País publicou um relatório da UNESCO em que o Brasil se encontra entre os países com mais de 72% de analfabetos no mundo. E que os analfabetos funcionais ainda eram 20% da população. A pesquisa foi realizada em 150 países e, infelizmente, o Brasil ficou em uma das últimas colocações, fazendo fronteira com países subdesenvolvidos como a Índia e Paquistão. Segundo a pesquisa, nessa época, o Brasil ocupava o oitavo lugar com maior número de analfabetos. Ele tinha 13,2 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais segundo o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2012.<sup>3</sup>

Sabemos que, quem não lê, não é um cidadão pleno e não goza de uma cidadania integral e que, por muitas vezes, é sublocado à margem social. Portanto entender a leitura e o que se lê é fundamental para que se tornem cidadãos e possam usufruir dessa prerrogativa. Esse entendimento é o que os linguistas modernos chamam de letramento. De acordo com Zilberman e Silva (1991), nos primórdios, ler era uma prática para poucos, e que agora é estendida a toda e qualquer pessoa.

[...] se ainda na Antiguidade civilizações que se tornaram modelares como a helênica e, depois, a romana, induziram a juventude à aprendizagem das primeiras letras e insistiram na atribuição dessa tarefa a um órgão destinado especialmente a tal fim – a escola –, não foi antes do século XVIII da nossa era que ambas, instituição e atividade de ensinar a ler e escrever, se expandiram de modo paulatino e irreversível, atingindo aos poucos todas as áreas e segmentos do corpo social (p. 12).

---

<sup>3</sup> Está referenciado na seção Referências.

É preciso mudar esse quadro, para que, desde tenra idade, as crianças tenham motivação, que leiam e aprendam a compreender o significado da leitura se dedicando a essa cultura, para que, no futuro, se tornem bons leitores e críticos da leitura, pois não basta só ler, é preciso entender o que está lendo.

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes, de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2005, P. 08 E 11).

Desde que o indivíduo nasce e inicia um certo conhecimento, a leitura se mostra a sua volta. Uma das leituras feitas nessa fase é o simples fato de decodificar as coisas que estão ao nosso redor quando se está descobrindo o mundo. Durigan (2003, p. 21) nos explica que “a história da leitura se inicia com o homem que lê antes mesmo de escrever, lê mais que palavras, lê o que o cerca, com códigos nascidos da sua experiência e reflexão no e sobre o mundo em geral”.

É preciso que o educador e o estudante interajam para que o objetivo de “aprender a ler”<sup>4</sup> seja alcançado, e que através dessa interação, o desinteresse e a não vontade de aprender sejam banidos do nosso meio. Se o professor organizar a sala de aula como um ambiente que atraia o aluno para a prática de leitura, poderá ajudar a criar o interesse dos alunos para a leitura. Assim, o professor torna-se um mediador entre os discentes e o hábito de ler. Para isso, o aluno precisa ver no professor o seu domínio com o texto que será lido, isto é, o seu conhecimento prévio do assunto. De acordo com Freire (1987, p. 12), “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, ou seja, o ato de educar, de se ensinar a ler, precisa se constituir em um pacto entre o educador e o aluno”.

A criança obtém estímulo e prazer de ler através dos materiais que lhe são oferecidos para que ela tenha um contato direto com eles ou outra fonte e poder assim despertar a

---

<sup>4</sup> Não no sentido de alfabetizar, mas no sentido de aprender a entender o texto. Não a decodificar, mas reconhecer o seu sentido implícito e a mensagem que ele está trazendo.

curiosidade e melhorar a sua linguagem. Conseqüentemente será desenvolvida a sua capacidade de interpretar e, até desenvolver um melhor vocabulário. De acordo com Durigan (2003, p. 30), “Ler é antes de tudo compreender e não decifrar. A leitura não é só uma ponte para a tomada de consciência do que o texto diz, mas uma possibilidade de se perceber como sujeito inserido no mundo”.

O leitor pode conversar com o texto e o texto com ele. Para isso é preciso que se leia o que está nas entrelinhas. Martins (1992) explica que, quando o texto desperta no leitor sentimento como tristezas, alegrias, lembranças, emoções, fantasias, passa a ser o nível de leitura mais emotivo. Quando se lê pela razão, em que o leitor quer somente entender o texto, chama-se racional, quando o leitor mantém um distanciamento do texto. Da mesma forma, quando se envolve com o texto, a leitura torna-se emocional. Martins (1992) elucida:

Ele endossa um modo de ler pré-existente, condicionado por uma ideologia. Tal postura dirige a leitura de modo a perceber no objeto lido apenas o que interessa ao sistema de ideias ao qual o leitor se liga. Muitas vezes se usa, então, o texto como pretexto para avaliar e até provar asserções alheias a ele, frustrando o conhecimento daquilo que o individualiza (p.64).

A leitura traz muitos benefícios a quem lê, porque o conhecimento se adquire através da leitura e tem como finalidade, formar alunos conscientes, fazendo com que tenham uma melhor compreensão da sociedade, de si mesmo. A leitura nos mostra caminhos diferentes e novos e abre horizontes, ainda nos dá imensos prazeres. Como afirma Martins (1992, p. 42), “a leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalização, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar [...]”.

## **1.2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA:** caminhos a percorrer

Para se falar sobre a importância da ação leitora ou de quem a exerce, mais do que essencial, se faz necessário também tratarmos das habilidades que nos levam a compreender o foco principal daquilo que o texto tem a revelar, descobrindo então um possível sentido para o mesmo. Por isso, as estratégias de leitura vêm como auxílio ao leitor que ainda não encontrou ou não desenvolveu tais habilidades. Solé (1998, p.69) relata que “um componente essencial das estratégias é o fato de que envolvem autodireção e autocontrole, isto é, a supervisão e avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da



possibilidade de modifica-los, em caso de necessidade”. Com essa afirmação o que se pode deduzir de antemão é que as estratégias de leitura favorecem um controle próprio do leitor em relação ao foco por ele pretendido, quando se encontra cara a cara com a malha textual.

Valls apud Solé (1998) já se refere a estratégia da seguinte maneira:

A estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos. (p.69)

A citação acima já nos revela estratégia como procedimentos, mecanismos que possibilita ao leitor selecionar, avaliar, persistir ou não na busca pelas suas metas pretendidas ao iniciar a ação leitora de um tipo de gênero textual específico. Por isso mais do que saber o conceito, ou os tipos de estratégias facilitadoras, se faz importante também saber a relevância do ensino de estratégias na sala de aula para a compreensão dos leitores (alunos) em formação.

Podemos fazer a seguinte indagação: por que então se deve ensinar estratégias e qual seu papel na compreensão leitora? Primeiro de tudo porque precisamos ler; e para ler precisamos ao menos saber a utilidade de se compreender a leitura feita, seja de qualquer que seja a forma em que o texto se apresente. Como a forma textual pode ser bastante variada, e isso implica também na sua compreensão, a necessidade de que o leitor possua habilidades para uma boa leitura se torna maior ainda. Em segundo lugar, as estratégias levam o leitor para o campo das diferentes compreensões que um gênero textual pode oferecer, e não meramente ficar só na decodificação. Solé (1998, p.70) nos garante que “ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas”.

Ainda podemos completar com os argumentos de Solé (1998) a necessidade do ensino de estratégias de compreensão leitora, que em síntese, com o ensino de estratégias de leitura queremos formar leitores autônomos, com recursos que os mesmos possam aprender a aprender a ler os textos de índoles diversas, como o caso do gênero textual Charge, apontando aqui como objeto de estudo.

Que estratégias vamos ensinar? Como podemos ensiná-las? Machado e Reis (2000, p. 132) nos apontam algumas técnicas de leitura tais como:

- **Leitura-estudo do Texto** (pré-leitura, deve-se ler o texto “por alto”, fazendo previsões ou hipóteses de sentido para ele.);

- **Leitura analítica** (questione as ideias do texto, dialogue com ele. Aonde o autor pretende chegar? O que ele está dizendo?);
- **Leitura reflexiva** (faça uma revisão do que aprendeu nas etapas anteriores, em seguida procure responder as questões básicas. Ideia central; organização, fundamentação, síntese, avaliação);
- **Como sublinhar** (o objetivo de sublinhar, ressaltar ou marcar o texto é facilitar o retorno ao seu conteúdo, sem necessidade de fazer uma releitura total);
- **Como esquematizar** (a representação gráfica, sintética do que se leu);
- **Mapeamento de textos** (representação gráfica do território intelectual percorrido, ou a ser percorrido, através da leitura).

Ao observar tais técnicas ou habilidades vemos que as estratégias (sentido mais amplo) podem favorecer e muito o trabalho de compreensão, cada parte predeterminada com uma função a ser estabelecida pelo leitor na hora da sua leitura, fazendo com que o mesmo seja motivado buscar um objetivo específico e abstrair do texto o seu sentido. O mais relevante aqui não é somente saber ou ensinar estratégias, mas sim que o aluno saiba utilizar as estratégias adequadas para compreensão do seu texto.

Solé (1998, p.73) nos afirma o seguinte sobre como responder necessariamente o que se pode fazer para poder compreender o que se lê:

1.compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura[...]; 2.ativar e apontar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. O que sei sobre o conteúdo do texto?[...]; 3.dirigir a atenção ao fundamental, do que pode parecer mais trivial[...]; 4.avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”[...]; 5.comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação[...]; 6.elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões[...].

Assim, podemos acrescentar a tudo isso que as estratégias devem ajudar o leitor a escolher outros caminhos quando se deparar com problemas na leitura do gênero “A” ou gênero “B”. Vale ressaltar que elas (estratégias) embora influenciem na construção do sentido adquirido pelos caminhos percorridos para se chegar à compreensão na ação leitora, não substituem a capacidade das diversas abordagens que os textos possam apresentar, nem do conhecimento prévio que o seu leitor possa ter. Por isso que Solé (1998, p.82) ressalta também um viés a respeito do olhar sobre o texto, como o mesmo sendo também fator responsável (se

não o principal) para se chegar à compreensão pretendida através da leitura: “considero que alguns textos são mais adequados que outros para determinados propósitos de leitura- assim como determinadas finalidades de escrita- e que as estratégias que utilizamos para ler se diversificam e adaptam em função do texto que queremos abordar”.

## 2. DEFININDO GÊNERO TEXTUAL

Para entendermos sobre o texto e sua(s) estrutura(s) precisamos saber que ele é diverso, dinâmico e apresenta diferentes gêneros. Por isso faz-se necessário explicitar a importância em se saber a qual gênero, ou que gênero, a tipologia textual que pertence. O reconhecimento do gênero é relevante para a compreensão do texto pelo leitor, suas estratégias para realizar a leitura pretendida e sua competência comunicativa socialmente estabelecida. Sobre isso Marcuschi (2003, p.1) menciona que “os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

Como no mundo “moderno” as mudanças são repentinas, também a língua e a escrita e tudo que nelas está impresso, não escapa também das transformações momentâneas, mudanças não somente tecnológicas, mas socialmente e culturalmente definidas. A tecnologia pode favorecer possibilidades inovadoras, pois grandes suportes da comunicação, a maioria tecnológicos, possibilitam o surgimento de vários e novos gêneros bastante característicos, tais como: editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante.

O gênero textual enquadra-se na seguinte característica, textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas, ou seja, não é a forma (estrutura) que define o gênero, mas seu contexto comunicativo e social em que seu leitor se encaixa. Para tal Marcuschi (2002, p.4),

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta

pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Aqui cabe nos deter também um pouco em definir brevemente a diferença entre tipo textual e gênero textual, pois o tipo textual (estrutura, forma) utilizado para demonstrar o gênero textual *carta*, por exemplo, é diferente do utilizado para demonstrar o gênero textual *artigo científico*. Vejamos como define tipo textual o autor já mencionado, em seu artigo “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, Marcuschi (2002, p.4):

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

O autor além de exemplificar os tipos textuais mais recorrentes na escrita e na oralidade dos textos, também deixa claro que tipo textual está mais amparado dentro da Linguística pela sua composição teórica e estrutural, uma vez que sua forma não delimita o uso sócio comunicativo do leitor, por isso o número mais reduzido de formas e composições, diferentemente do gênero textual. Mas não podemos negar que há sempre uma relação dicotômica entre esses dois termos, por isso, um é espelho e subsiste em detrimento do outro.

Marcuschi (2002, p.5) ainda realça a característica definidora do que seria gênero textual, para não causar imbricação nos termos apresentados, da seguinte forma: “importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”.

Portanto, a forma e classificação gênero que caracteriza o texto apresentará os seguintes processos: composição, ação prática, circulação sócio histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Uma carta, por exemplo, é um gênero textual em que podemos encontrar vários tipos textuais, como trechos descritivos, narrativos ou expositivos entre outros, que, ao final, resultarão em um gênero para ajudar o leitor na sua interação sociocomunicativa.

## 2.1. O GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Essa palavra veio do vocabulário francês. Esse termo foi emprestado para a nossa língua e tem o significado de carregar, exagerar. Por isso as charges têm essa característica de ser exagerada ao mostrar a realidade através de palavras, imagens e caricaturas<sup>5</sup>.

Sem contexto, é impossível interpretar a charge e, com o distanciamento temporal em relação ao fato, a charge vai perdendo sua capacidade de comunicação. A charge é um tipo de registro da história que necessita, para uma interpretação aberta estar relacionada aos eventos políticos e culturais de seu tempo. (NERY, 1998, p. 87).

Esse gênero de texto traz um relacionamento sincronizado entre a forma escrita e a forma não escrita, é rico em recursos expressivos, tais como imagens e jogo de cores. Sua ilustração tem o objetivo de ironizar algum assunto, utilizando caricaturas cheias de exagero nos aspectos físicos. É por isso que a charge pode ser utilizada no ensino, não só na leitura, mas também na escrita, como nos adverte (Pereira, 2006).

1) o material dos textos chargísticos compõe um manancial pouco explorado no contexto escolar, embora sejam exuberantes e dignos de análise; 2) a intertextualidade é um recurso produtivo em sala de aula para subsidiar a competência argumentativa dos alunos a partir de relações lógico-discursivas trazidas à tona pelo gênero charge, que tem em sua natureza, a capacidade de abordar temas polêmicos como a política, a religião, os conflitos sociais etc.; 3) as charges estão presentes no dia-a-dia em jornais, revistas, outdoors, além de provocarem o humor e, conseqüentemente, o prazer no leitor (PEREIRA, 2006, p.102).

Quem oferece suporte para o leitor analisar uma charge é o próprio processo de leitura, uma vez que o leitor consegue discernir e perceber o seu sentido, buscando relacionar os elementos da charge com o seu conhecimento de mundo, pois, pelo que cita Pereira (2006), a charge faz despertar no leitor uma visão bem mais crítica e o posiciona de acordo com a realidade conhecida, pois cada uma tem um foco dentro do contexto social. Através da intertextualidade que há entre o fato focado e a imagem, o leitor irá entender a que universos ela se refere, seja política, fatos da sociedade ou históricas. O leitor que tem a habilidade de perceber o que está implícito, terá condição de interpretar esse gênero, mas para isso precisa

---

<sup>5</sup> Desenho de pessoa ou de fato que, pelas deformações obtidas por um traço cheio de exageros, se apresenta como forma de expressão grotesca ou jocosa. (UOL, acesso em 25/06/18).

ser preparado linguisticamente para entender a intenção do autor dentro da charge. Não nos esqueçamos que o propósito da charge é sempre a comunicação em relação ao mundo conhecido pelos leitores, por isso os temas são abordados a essa realidade.

Toda charge parte da prerrogativa de que o texto será sempre reflexo do momento vivido pela sociedade. Esse gênero é um modo de manifestar a crítica, o humor, a sátira. Por isso, para fazer a leitura correta, o leitor precisa ter ciência do tema abordado. Romualdo (2000) faz a seguinte referência ao contexto de uma charge,

Isso dá ao leitor a possibilidade de relacioná-los e, até mesmo, usar esses outros textos para auxiliar na interpretação da charge. Nos casos em que as relações intertextuais se dão com textos que não estão no jornal, cabe ao leitor fazer a recuperação desses intertextos para inteirar-se mais profundamente da mensagem transmitida pelo texto chargístico (p. 05).

Esse gênero de texto é muito fácil de entender e facilita muito sua leitura, pois os recursos utilizados pelo autor são: a ironia, as críticas e a sátira a um determinado episódio do nosso dia a dia, fazendo com que o leitor enxergue além das aparências, o que chamamos de implícito. A charge é cheia de intencionalidade e sempre se posiciona em relação de crítica ao tema abordado.

Portanto, todo assunto abordado pela charge precisa ser conhecido pelo leitor. Por exemplo: um aluno da zona rural que nunca foi à praia, não saberá analisar uma charge em que se faz referência a um *Jet ski* que atropela uma criança. Ele nem saberá o que é esse meio de locomoção aquático.

## **2.2. A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA CHARGE**

Bazerman (2007) se baseia no conceito de dialogismo de Bakhtin. Ele contempla que a intertextualidade faz do texto um “xadrez de citações”, isto é, nenhum texto é original, visto que sempre nos baseamos em posições e ideias em relação a outros escritores e textos. Mesmo que a palavra intertextualidade não tenha sido usada pelo autor, ele nos revela essa importância através de outros elementos da comunicação necessários para a dicotomia: enunciado e enunciador, como a polifonia e o dialogismo. Bazerman (2006) diz que as intertextualidades são:

As relações explícitas e implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os textos que lhes são antecedentes, contemporâneos ou futuros (em potencial). Através de tais relações, um texto evoca não só a representação da situação discursiva, mas também os recursos textuais que têm ligação com essa situação e ainda o modo como o texto em questão se posiciona diante de outros textos e os usa. (p. 92).

Esse autor criou níveis de linguagem intertextual para que um texto chame outro e se firma neles como prova de sua legitimidade.

O primeiro nível se refere a texto anteriormente escrito como fonte, isto é, um texto sempre aparece como fonte de ideias, tendo autorização para tal, se faz como novo texto.

O segundo nível traz a problemática de temas sociais apresentados em discussão por um texto e citar os pontos de vista de vários grupos sociais, no texto faz com que ele se transforme em um tema intertextual social.

O terceiro é o autor que usa a ideia de outros autores por meio de citação para defender o seu ponto de vista.

No quarto nível se apoia em fontes específicas como crença, tradição familiar, costume, senso comum. São textos criados para questionar, por exemplo, a educação dos filhos, os seus hábitos para melhorar a vida e sua qualidade.

O quinto é mais amplo, através da sua escrita conseguimos identificar o estilo de escrita e gênero. Ele evoca casos sociais e que, de acordo com sua escrita, sabemos de que forma foi utilizado. Por exemplo, a charge, utiliza caricatura e sua linguagem é crítica, por isso apresenta um estilo humorístico.

No sexto nível, o texto revela constatações da maneira que o intertexto é usado. Bazerman (2006) relata que a união entre textos pode ocorrer, mesmo com o distanciamento de tempo, cultura, espaço ou instituição. Nesse modelo de intertextualidade é preciso usar o alcance textual, isto é, “a distância até onde um texto viaja por meio de suas relações intertextuais”. (p. 96).

Esse alcance textual dito por Bazerman significa que um texto pode recorrer a outro por empréstimo de ideias mesmo que estejam separados pelo tempo, instituição e cultura. Em alguma charge isso pode ser observado, elas, às vezes, retratam fatos que distanciam no tempo ou na história ou discursos em determinados eventos ou instituições.

Bazerman deixou para nosso estudo, seis modos de representar a intertextualidade:

1. CITAÇÃO DIRETA. Identifica-se através da aspa, escrita itálica ou outra forma de recurso para identificar a fala ou escrita, mesmo que o texto atual tenha autonomia de excluir dizeres dispensáveis ao texto atual.
2. CITAÇÃO INDIRETA. É quando o autor, usando das ideias de um texto, reproduz o pensamento deste, mas da forma de sua interpretação, mesmo mantendo a ideia original, o novo autor pode dar novos sentidos que lhe é autorizado ao novo texto.
3. MENÇÃO A UMA PESSOA, DOCUMENTO OU DECLARAÇÃO. É o autor se basear em uma fonte de outra época, para isso ele precisa ter familiaridade com a fonte original, deixando subentendido, ele não tem a obrigatoriedade de apresentá-la ao leitor.
4. COMENTÁRIO OU AVALIAR UMA DECLARAÇÃO DE OUTRA VOZ EVOCADA OU TEXTO. O novo autor toma a posição de inferir sua opinião em relação ao texto evocado.
5. USAR ESTILOS, TERMINOLOGIAS DE DETERMINADOS GRUPOS OU PESSOAS, OU DOCUMENTOS. O autor pode usar termos ou estruturas linguísticas que se reconhecem no estilo de outros textos ou autores para fazer referência a comportamentos e atitudes de determinado grupo social. Por exemplo, a expressão “tudo acaba em pizza” é um bom exemplo disso.
6. USAR FORMAS E LINGUAGEM QUE PARECEM EM CERTOS MODOS DE COMUNICAÇÃO. É comum utilizar os modos de dizeres, como domínio linguístico próprios da esfera social.

Se observarmos mais atentamente uma charge, descobriremos, mesmo que superficialmente, as informações de conexão entre textos, numa relação direta de intertextualidade. Algumas coisas que nos chamam a atenção são sinalizadas por elementos



multimodais<sup>6</sup>, como a caricatura, objetos, gestos e cores. Nas charges percebemos formas de intertextualidade mais implícitas, mesmo assim, acharemos os níveis de intertextualidades presentes nas charges. Convém ressaltar que essas marcas de intertextualidade na charge levam o leitor a extrapolar o nível linguístico do texto e a se conectar discursos, o que nos permite inferir que, na charge, há manifestações interdiscursivas.

### 2.3 A IRONIA DA CHARGE

Muitas pessoas se referem à ironia como conceito que está presente na fala ou na escrita, mas ela pode estar nos gestos, pinturas, ações, comportamentos, desfechos de histórias e até desenhos. Nos conceitos gramaticais, a ironia se faz presente na figura de pensamento saída da retórica. Nessa visão, ela assume o semanticismo de antífrase, ou seja, “dizer A para não se entender A”. Como figura, a ironia pretende modificar o verdadeiro sentido para adquirir um sentido derivado (ROMUALDO, 2000, P. 78). Sempre devemos identificar o que é literal e o que é figurado em relação ao meio, a linguagem e ao homem.

Já para Brait (2008), podemos estudar a ironia nas maneiras filosóficas de Sócrates, como também, Platão e Aristóteles interpretavam os diálogos socráticos. Segundo essa autora, Sócrates via a ironia como linguagem e atitude. É a linguagem que possibilita entendermos a atitude irônica. Hoje em dia, a ironia é estudada a partir do elo entre locutores, enunciação e enunciadorees. Ainda segundo Brait (ibid, p. 29-30), “diferentes vozes, Sócrates, Platão, Aristóteles e diversos interlocutores foram representados por estratégias de linguagem, por mecanismos discursivos de produção, recepção e interpretação dos diálogos”.

O sentido que Brait (2008) dá à ironia nos leva a entender que esse discurso engloba um conjunto de discursos, ou seja, uma forma de interdiscurso. Por isso adotamos essa perspectiva no nosso trabalho, pois essa vertente mostra o lado irônico que existe na charge, visto que esta mostra o desnudamento de vários aspectos sociais, culturais, passíveis de serem criticados ou ironizados de forma tão genérica através de vários discursos juntos. E essa ironia

---

<sup>6</sup> São textos que, não têm somente a característica de usar palavras, mas são usados com ilustrações, músicas etc., ou somente isso, não tendo a obrigatoriedade de palavras para lhes dar sentido.

de polifonia, nos leva a Bakhtin e, reúne coerentemente, a ironia e intertextualidade através das vozes e fatos que formam esse complexo interdiscurso.

As charges estão mais próximas ao chiste<sup>7</sup> e ao cômico<sup>8</sup>, mas ela só será entendida se o leitor entender o seu texto multimodal. Nesse sentido é preciso elevar o contexto, as expectativas, as atitudes, tanto de quem escreveu quanto de quem vai ler. Muitas vezes a ironia é mal interpretada e mal entendida por não ser percebida da maneira que o autor tenta passar. Daí a intervenção do professor quando aplicado esse tipo de leitura.

### **3. COMPREENDENDO GÊNERO CHARGE**

Esse gênero se for bem trabalhado em sala de aula poderá se tornar um recurso excelente para o aprimoramento da competência leitora. A intenção dessa seção é mostrar como trabalhar esse texto de maneira lúdica e prazerosa e, ao mesmo tempo, demonstrar para o aluno que ele pode desenvolver um senso crítico em relação ao assunto que a charge aborda. Ela é cheia de recursos intertextuais e interdiscursivos, pois trabalha muitos assuntos em um só lugar. E é também uma ferramenta para se trabalhar a argumentação.

Selecionamos algumas charges para mostrar o humor nelas embutido, o seu caráter implícito e a sua caricatura. Abaixo seguem as charges para iniciarmos a sua análise:

FIGURA 1

---

<sup>7</sup> É o lado espirituoso do texto, o humor adequado e fino, gracejo, pilhéria.

<sup>8</sup> É o que suscita riso, ou zombaria, algo ridículo, risível.



Disponível em <<http://www.oreconcavo.com.br>> Acesso em 12 jun. 2018.

FIGURA 2



Disponível em <<http://www.oreconcavo.com.br>> Acesso em 12 jun. 2018

Um dos chargistas mais famosos da atualidade é Requião Melo que usa o pseudônimo de *Borega*. Trabalhou para o site o RECÔNCAVO, em que fez publicações por oito anos, semanalmente. No Jornal TRIBUNA FEIRENSE, em 1997, publica seu livro “As charges de Borega”. Podemos ver nas duas charges acima que o assunto é política, seja por meio das roupas, pela caricatura das personagens e até mesmo a data da questão. Percebemos que

através das cores das roupas, que são as cores dos partidos políticos e de acordo com as pessoas envolvidas, vemos que se trata da eleição presidencial da época.

Tudo isso o aluno já precisa entender, antes mesmo de iniciar a análise do texto, tanto verbal quanto não verbal. Através do desenho feito pelo chargista, podemos visualizar seu estilo e personalização. Na figura 1 destacamos que Lula ajuda a presidente subir nas pesquisas, enquanto Fernando Henrique Cardoso faz com que o candidato tucano caia nas pesquisas. Por isso ele está cabisbaixo, triste e desanimado, enquanto a Dilma lê um jornal dando a impressão de que não está preocupada. Na figura 2, é nítida a atenção que se dá para o resultado das pesquisas de intenção de votos, enquanto Dilma sobe, Serra cai. Isso é demonstrado na fisionomia de preocupação do candidato, ele até afrouxa a gravata. Como se tivesse suando e sentindo calor pelo nervoso que está passando.

O leitor que tem o costume de ler, principalmente, notícia sobre política, não teria nenhum problema em reconhecer e interpretar os pormenores, ou seja, o que está oculto por trás da ilustração.

FIGURA 3



Disponível em <<http://blogdoespacoaberto.blogspot.com>> Acesso 15 jun. 2018.

FIGURA 4



Disponível em <<http://scoopnest.com>> Acesso 15 jun. 2018.

Nas figuras 3 e 4, o desenhista e chargista é Carlos Henrique Iotti, jornalista com formação pela UFRGS, o qual nunca exerceu essa profissão e faz histórias em quadrinhos, tendo trabalhado em várias revistas. Hoje trabalha no jornal Zero Hora e Pioneiro na imprensa gaúcha. Podemos ver sua temática bem clara nas charges 3 e 4, em que usa de um certo tom irônico para mostrar o que acontece na atualidade na política. Na charge 3 vemos o problema que está acontecendo em Minas Gerais com o governador Fernando Pimentel e a ex-presidente Dilma dizendo que ele é um dos seus, e não pode ficar andando na prancha para morrer. Podemos ver sua expressão de desespero e o tubarão embaixo, já se preparando para comê-lo. Na figura 4 percebemos o problema do atual presidente Trump, dos Estados Unidos, em que sua plataforma política é fazer um muro separando o México dos EUA. Podemos ver a expressão facial do Trump em que parece ter certo deleite em fazer isso.

FIGURA 5





Disponível em <[www.fabio.campana.com.br](http://www.fabio.campana.com.br)> Acesso em 15 jun. 2018.

O autor da charge 5 é Arnaldo Angeli, conhecido mais por Angeli. É um dos mais famosos chargistas brasileiros da atualidade. Entrou para a Folha de São Paulo em 1973 e está até hoje. Também trabalhou no programa TV COLOSSO (1993-1996) da TV Globo. Angeli tem um humor mais rebuscado, mais fino e um pouco mais difícil de entender, ele com sua escrita, faz com que o leitor tenha que ter um conhecimento muito mais aprofundado para o entender. No texto em questão, cada um da família se exime em conhecer os assuntos, como se ele nunca fizesse, o que está escrito. Ninguém conhece o tema, mas aí vem o cachorro e desfaz tudo. Ele é o elo de coesão nessa charge, é nessa fala que está uma importante pista para a construção do sentido, pois indica que a família mente sobre o fato de que, no fundo, há algum preconceito e a fala do cão reitera essa ideia.

Os seus textos em forma de charge têm a característica de utilizar personagem desconhecida pelo público, ou seja, pessoas anônimas para mostrar a falta de visibilidade em relação ao cidadão comum. Talvez por isso, sua charge seja construída em preto e branco ou cinza, sem o realce de cores vivas, que nas demais representam filiação partidárias ou

ideológicas. Em outras palavras, o cinza da charge representa provavelmente a apatia e a baixa significância das pessoas comuns.

Com base nas análises, podemos inferir que a charge, por ser um gênero textual costuma unir linguagem verbal e não verbal, desenhos, caricaturas, balões, traçados e cores, instiga o seu leitor a desenvolver habilidades para uma leitura mais complexa. Todos esses aspectos contribuem para que o leitor reconstrua os sentidos que o autor pretende transmitir, ou seja, sua opinião em relação aos fatos acontecidos no dia a dia.

#### **4. COMO UTILIZAR A CHARGE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Para se ter uma aula bem proveitosa e de sucesso, é preciso levar a charge que esteja dentro da realidade da turma e na sua faixa etária. Isso fará com que o aluno tenha interesse em aprender e interagir com o assunto e possa fazer reflexões de acordo com o tema. Todo o texto tem muitas possibilidades que levam os alunos à interpretação a aprendizagem significativa, cabendo ao professor trabalhar de forma que possibilite ao aluno uma leitura e uma reflexão críticas. Silva (2004) afirma que

[...] a oferta de leitura na escola se apresenta como círculo fechado, envolvendo somente as obras da chamada “Literatura pedagógica” (clássicos escolares). Por outro lado, além do esquema redundante da oferta, fechadas à literatura de vanguarda e por isso mesmo reveladora constataram a presença de metodologias que ao invés de propiciar o prazer e o gosto pela leitura, vão paulatinamente aniquilando o potencial da leitura dos alunos. (p. 28).

Há alunos que não entendem um tipo de texto, por não terem tido oportunidade de conhecer diversos outros gêneros textuais. E, por às vezes, esperar somente do professor as perguntas, ou só buscar a ideia central do texto, sendo que o texto tem muita coisa a se pesquisar. Eles esperam que o professor os ajude a achar as ideias do texto, ficando nessa expectativa e, portanto, não se esforçando em alcançar o que se deseja. Kleiman (2000, p. 29), comenta: “[...] que na utilização de textos devem ser evitadas abordagens rígidas, fixas, previsíveis [...]”. Coracini (1995) confirma essa ideia, ao observar que

Raramente, se observa, na prática de sala de aula, a concepção de leitura enquanto processo interativo (leitor-texto, leitor-autor), a partir da recuperação explícita do que se acredita serem as marcas deixadas pelo autor, únicas responsáveis pelos sentidos possíveis. Mais raramente ainda, para não dizer nunca (ao menos nas aulas analisadas), a concepção discursiva se vê contemplada: raramente são permitidas, em sala, outras leituras que não sejam a do professor, ou melhor, do livro didático que o professor lê e respeita como portador da verdade, como representante fiel da ciência, já que constitui, muitas vezes, o único suporte teórico do conhecimento do professor e das aulas por ele ministradas. (p. 19).

Podemos trazer para a aula, vários gêneros textuais, artigos, reportagens, crônicas, seja em jornal ou revista. Até mesmo os textos do livro didático podem ser bons, desde que sejam bem planejados e trabalhados de forma a desencadear a argumentação e curiosidades dos alunos. É preciso despertar nestes a capacidade de dominar um texto, sua comunicação e seu discurso, para isso o texto pode se tornar um processo ilimitado de interpretações e argumentações.

Kleiman (2009, p. 49) diz que “isso fica bastante evidente quando analisamos nos livros didáticos”, ou seja, as várias perguntas de compreensão “que na maioria são perguntas sobre informações explícitas no texto, e a resposta pessoal” acabam que o autor do livro e o professor controlam as respostas e o aluno é somente o sujeito passivo na leitura.

Todo texto que vamos trabalhar em sala de aula deve ter o objetivo de mudar a visão e formar leitores que consigam ter uma crítica sobre o que leem, só dessa maneira os alunos descobrirão que a leitura traz para eles enormes conhecimentos que os acompanharão por toda a vida e refletirão em seu comportamento profissional, emocional e social. Segundo Silva (2003),

Convém que o professor se convença de que a sua interpretação de um texto não é a única possível. Isto quer dizer que ele deve abrir espaço e, dentro de um clima democrático e empático, para que os estudantes (leitores) expressem as suas maneiras de ver o texto e os sentidos que conseguiram produzir. (p. 44).

Em relação às charges temos a oportunidade de analisar e interpretar assuntos que estão relacionados ao nosso dia a dia, os significados contidos nos textos são cheios de efeitos verdadeiros que demonstram os sentimentos que compartilhamos com os outros, às vezes de revolta, sensibilização, indignação, ou conscientização perante os acontecimentos que nos



atingem na forma de vermos o mundo. Tudo isso nos dá certeza de que a charge pode transformar a nossa visão de texto e nos ensinar a fazer esse tipo de análise em outros gêneros textuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o estudo feito nesse trabalho, aprendemos que todo gênero textual tem sua função delimitada para o trabalho do dia a dia. Na questão das aulas de leitura, a charge é uma maneira lúdica de aprendermos vários recursos linguísticos e que o professor deve utilizar para explorar o que os alunos já conhecem, pois ela ajuda essa leitura de mundo mediante sua intertextualidade, sua ironia e inúmeros dizeres implícitos.

Comprovamos que uma das características da charge é o humor no uso de suas caricaturas e figuras que trazem mais interesse para o aluno querer estudá-la, com isso desenvolve a visão crítica e ao mesmo tempo, aprendem sobre as diferentes linguagens. Para tanto cabe ao professor unir teoria e prática para que o aluno não se disperse nas aulas, quase sempre teóricas.

Essa pesquisa bibliográfica nos deu a oportunidade de responder à pergunta principal do trabalho: Pode a charge contribuir para melhorar a competência leitora do aluno? A resposta é afirmativa, pois, de acordo com os autores supracitados, vemos que a charge, por sua característica humorística, implícita, irônica, traz uma gama de elementos que forcem o aluno a pensar e raciocinar para entender o contexto. Também é preciso que o aluno tenha um conhecimento prévio do assunto, bastando apenas o professor dar um gancho, e eles continuam com o raciocínio.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

As 10 horas do dia 10 de dezembro do ano de dois mil e dezoito, na sala 805, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - PI, sob a presidência do Prof. Luiz Epitafio de Souza Barros, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Edmilson de Moura Alencar, do curso de Letras desta Universidade com o título: Justiça de classe: um projeto para aprimoramento da competência leitora.  
A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Luiz Epitafio de Souza Barros (orientador - presidente), Prof. Fátima Ingrid Bezerra Bastos (1º examinador) e Prof. Fernando Martins Luz Barros (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido as seguintes notas: 8,0 (oitos) (EXTENSO); 8,0 (oitos) (EXTENSO) e 8,0 (oitos) (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 8,0 (oitos) (EXTENSO). E para constar, eu, Luiz Epitafio de Souza Barros, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 10 de dezembro de 2018.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luiz Epitafio Barros  
Presidente

Fátima Ingrid Bezerra Bastos  
1º examinador

Fernando Martins Luz Barros  
2º examinador

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. (org.) Dionísio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2006.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

CHARGES. Disponível em <<http://www.oreconcavo.com.br>> Acesso em 12 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em <[www.fabiocampana.com.br](http://www.fabiocampana.com.br)> Acesso em 15 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em <<http://blogdoespacoaberto.blogspot.com>> Acesso 15 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em <<http://scoopnest.com>> Acesso 15 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em <[www.fabiocampana.com.br](http://www.fabiocampana.com.br)> Acesso em 15 jun. 2018.

CORACINI, M. J. **O jogo Discursivo na aula de leitura: Língua Materna e Língua Estrangeira**. São Paulo: Pontes, 1995.

DURIGAN, R. H. de A. Tecendo a leitura e as leituras. In: \_\_. **Leitura e competência na produção de textos: travessias e significação**, 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Práticas Educativas) - Universidade de Franca.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato da ler**. São Paulo: 46ª edição. Editora Cortez, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato da ler**. São Paulo: 46ª edição. Editora Cortez, 2005.

KLEIMAN, A. **Oficina da Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Pontes, 2000.

MACHADO, I. **Gêneros discursivos**. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) *Gêneros Textuais e Ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Disponível: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod\\_resource/content/3/Art\\_Marcuschi\\_G%C3%AAneros\\_textuais\\_defini%C3%A7%C3%B5es\\_funcionalidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf)> acesso em 30 Out.2018.

NERY, J. E. **Charge e caricatura na construção de imagens públicas**. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

PEREIRA, T. M. A. **O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade.** In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da et al. *Ensino de língua: do impresso ao virtual.* Campina Grande: EDUEP, 2006.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia** – um estudo de charges da Folha de S.Paulo. Maringá: Eduém, 2000.

SILVA, C. L. M. **A aula de Língua Portuguesa: uma proposta de trabalho com charges.** Monografia. Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <[www.unesc.br/curso/pos-graduacao/mestrado](http://www.unesc.br/curso/pos-graduacao/mestrado)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, E. T. **Unidades de leitura:** Trilogia Pedagógica. São Paulo: Autores e Associados, 2003. \_\_\_\_\_ **Leitura na Escola e na Biblioteca.** São Paulo: Papyrus, 2004.

SOARES, M. B. **As condições sociais da literatura: uma reflexão em contraponto.** In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares.* São Paulo: Ática, 1991. p.18-29.

Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755>> acesso em 10 Jun. 2018.

Disponível <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/29/sociedad/1391021789\\_225148.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/29/sociedad/1391021789_225148.html)>

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.